

## **Da poesia ao teatro: a trajetória de Virgínia Victorino, a musa da dramaturgia portuguesa**

Fabio Mario da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Virgínia Victorino é, certamente, a escritora portuguesa mais prestigiada no começo do século XX. Inicialmente aventurando-se pelo universo da poesia, a escritora elege a forma dramática como seu principal objeto de criação literária, tornando-se, ainda em vida, uma grande referência do teatro em Portugal. Seu teatro consegue atrair o aplauso do público, a crítica jornalística (do Brasil e de Portugal) e representantes do governo português; porém, com o passar dos anos, sua literatura entra numa zona de invisibilidade crítica e acadêmica. O presente artigo abordará a trajetória de sucesso de uma das mais importantes dramaturgas da história da literatura portuguesa.

**ABSTRACT:** Virgínia Victorino's plays, meets the needs of the bourgeois audience of the beginning of the 20<sup>th</sup> century. First she chooses the universe of poetry, after the writer chooses to dramatically as main object of literary creation, becoming, still life, a great reference in Portugal. Her plays attract the applause of the audience, the journalists' criticism (from Brazil and Portugal) and representatives of the Portuguese government. But, over the years, her literature became invisibility from the academic criticism. This article discusses the success story of the most important playwrights in the history of Portuguese literature

**PALAVRAS-CHAVE:** Virgínia Victorino, teatro português, poesia.

**KEYWORDS:** Virgínia Victorino, Portuguese Plays, Poetry.

Virgínia Victorino escreve para os  
seus espectadores, aqueles que já  
muito antes conquistara pela força  
lírica de sua poesia.

Júlia Lelo (1993, p.98)

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura pela Universidade de Évora e bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Também é pesquisador do CNPq, com um projeto intitulado "Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii", sediado na Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Dal Farra. É Membro do grupo de pesquisa - avaliado pela Fundação de Ciência e Tecnologia de Portugal - CEL (Centro de Estudos em Letras), pela Universidade de Évora e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob a orientação da Professora Doutora Ana Luísa Vilela, atua nos projetos sobre "Raul de Carvalho" e "Florbela Espanca. O espólio de um mito". Também é investigador do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), da Universidade de Lisboa. Já lecionou na Universidade de Varsóvia (Polónia), como Professor Convidado, temáticas que envolveram as disciplinas de Literatura Brasileira, Portuguesa e Africana em Língua Portuguesa.

Numa época de crescente ascensão da mulher portuguesa à escolarização e de novos paradigmas trazidos com os movimentos feministas, observa-se em Portugal, no começo do século XX, uma transformação no cenário literário, principalmente em Lisboa, quando várias mulheres iniciam-se nos mundos das letras. É neste contexto histórico que surge uma escritora, Virgínia Victorino (1895-1967), que primeiro escreve em versos e depois dedica-se quase que exclusivamente ao teatro.

Sua estreia acontece a partir de 1917, quando lança suas primeiras poesias nos jornais, como que já esboçando a publicação de sua futura primeira obra, *Namorados* (1921), atraindo a atenção dos críticos de jornais: “são lindos os seus versos e d’um encanto e merecimento inconfundível” (1917,?<sup>2</sup>). O que a autora queria, a princípio, era revelar ao público suas produções poéticas e ver como seriam recebidas. A partir do momento em que vieram críticas positivas, a escritora cada vez mais aventura-se no mundo da poesia, publicando vários textos, como aconteceu em *A canção de Portugal*: “fala-se de um dos mais nobres espíritos femininos [...] conquistou rapidamente um nome no mundo das letras portuguesas.” (1918,?); outro crítico, na *Semana Alcobacense*, afirma que Virgínia estaria entre as melhores escritoras portuguesas e brasileiras (cf.1919,?). Com a crescente visibilidade das mulheres, não só escritoras mas também como leitoras, Dulce Machado escreve ao *Jornal do Comércio de Pernambuco* (Brasil) falando do monopólio masculino e dos elogios a versos masculinos que muitas vezes não têm méritos e sugere ao jornal a publicação de um dos sonetos de Virgínia Victorino. Graças a este interesse além-mar pela obra da escritora, é referenciado na imprensa portuguesa o seu sucesso internacional, considerando sua obra, no *Século da Noite*, como “as produções poéticas da primeira poetisa portuguesa do nosso tempo.” (1920,?)

Ora, notamos que, mesmo antes do seu primeiro livro, a autora já é reconhecida e aclamada pela crítica, tornando-se um símbolo também como pioneira a se destacar no mundo das letras do começo do século XX. Em relação à sua primeira publicação, *Namorados* (?), destaca o *Diário de Notícias*: “Apareceu à venda o já anunciado livro

<sup>2</sup> Os textos que se encontram apenas com o ano e nome da edição da revista ou jornal são aqueles que fazem parte do espólio de Virgínia Victorino da Biblioteca Nacional. A escritora guardava organizadamente as notas que saíam na imprensa sobre sua obra, mas não se preocupava, em sua maioria, em destacar quem escrevia os textos, nem tampouco as suas páginas. Por isso, encontram-se neste artigo o sinal de ?, que demonstra a falta de informação sobre a página do Jornal/Revista, como também, em alguns casos, a falta de referência da autoria ou do título do artigo.

de versos da poetisa sr.<sup>a</sup> D. Virgínia Victorino. É uma maravilhosa colecção de sonetos, todos eles equilibradíssimos, calmos na sua grande nota humana, rítmicos, adoráveis para o ouvido e para o coração, *femininos*, teimosa e confessadamente *femininos*” (grifo nosso) (1921,?). A ideia de feminino da época constrói-se a partir de conceitos fundados na educação dada às mulheres: o equilíbrio formal, o sentimentalismo contido, a confissão do coração e a teimosia; obstinação feminina quando reluta em não aceitar os ditames da sociedade masculinizada. Observemos também outros comentários a esta obra: “triunfo no mundo das letras” (*Semana Alcobasence*, 1921,?); “impecável obra de arte” (*O Tempo*, 1921,?); “o mais ruidoso sucesso dos últimos tempos” (*Diário de Lisboa*, 1921); por fim no *Jornal do Recife*, em 1921, “a maior poetisa de Portugal”(?)

Os versos de Victorino chegam a ser comentados na imprensa francesa, *Paris Notícias*, por Mme de Moraes Sarmiento: “Jamais il ne fut au Portugal un plus grand talent féminin.” (1922,?), como também na imprensa espanhola, *Le pesion*: “los versos de Virgínia Victorino, la exposición de una historia de amor, tan fina y sutilmente observada, que bien merece el título de curso de psicologia amorosa, inventado por Mézières al estudiar el Petrarca.” (1922,?).

Em 1923 surge mais uma obra, *Apaixonadamente*, da já renomada Virgínia Victorino, continuando a ter mais destaque na imprensa portuguesa: “a mais interessante das nossas poetisas” (Alfredo, 1923,?). É também no ano de 1923 que será aludida sua primeira obra, *Namorados*, num importante jornal francês da época:

Ce n'est pas en vain que le poete dédie à Mariana Alcoforado quelques nus des vers les plus émus de son recueil. La poésie portugaise n'est-elle pas tour à tour élegie et satire? Et qui danc, après Bernardon, après João de Deus, après Camoens lui-même, a su retrouver la-bas le secret de la pure et poignante élegie d'amour, sinon Virgínia Victorino, qui, por nous dire sa peine ardente, semble continuer en vers les Leters de la Religieuse? Sous le titre bien significatif de PASSIONNEMENT, elle nous offre aujourd'hui la suite de ses déjà célèbres *Namorados* [...] Chez elle tout est simplicité, sincérité, pur élan de coeur. (Lebesgue, 1923,?)

Vale também salientar um pouco do desvio do crítico ao comparar João de Deus com Bernardim e com Camões. Uma segunda observação importante é a atribuição dos mesmos valores das *Cartas Portuguesas* à poesia de Victorino, como quem procura um espelho feminino na literatura portuguesa, de grande relevo literário, para mostrar ao leitor francês a importância da obra da escritora portuguesa. Ou seja, o que pode

considerar-se nesta comparação direta é que, como grande figura das letras femininas portuguesas, antes de Victorino, o crítico só encontra Mariana Alcoforado, que como se sabe, nunca dirigiu sua atenção ao trabalho artístico do texto, apesar de haver valores literários em suas cartas. Isto indicar-nos-ia que, para a época, Virgínia Victorino, mesmo no estrangeiro, era considerada a principal escritora portuguesa.

Tereza Leitão de Barros resume bem o que a poesia da escritora (poderíamos afirmar que até a própria Virgínia Victorino enquanto mulher) representa para sua época, ao discorrer sobre o ritmo e cadência de sua criação, o qual penetra profundamente nas almas atuais, cumprindo seu dever enquanto arte:

Em nossa literatura contemporânea, e não digo só na literatura feminina, Virgínia Victorino sobressai como um grande, nobre e excepcional temperamento poético. Agostinho de Campos chegou a afirmar ser ela quem sustenta, hoje, o mesmo ceptro do nosso lirismo amoroso, que já esteve nas mãos de Camões, de Soares de Passos e de João de Deus (1924, p.25)

Em relação à obra dramática a sua estreia como autora no teatro acontece em 1931, causando alvoroço no público e na imprensa: “marcando o êxito pelas noites de representação”(1931a,?). Virgínia se consagra definitivamente como dramaturga sendo a primeira mulher nas letras portuguesas a ser “aclamada como autora dramática” (1931a,?). A *Volta*, sua segunda obra publicada em 1932, mas encenada em 1931, é o texto mais consagrado da época pelo público e pela crítica, como “o grande êxito do Teatro Nacional” (1931c,?). Porém, a autora, nesta peça, toca em questões referentes, diretamente ou indiretamente, a questões políticas<sup>3</sup>. Ressalta o *Diário de Notícias* em Março de 1923 que a peça é constituída

pelo gravíssima circunstância de a principal acção se passar na nossa província de Angola, fazendo girando em torno da sua mais alta e elevada autoridade, um Alto Comissário Republicano, outros funcionários seus subordinados, apresentados ao público como traidores, miseráveis vendidos ao estrangeiro, (1930d,?)

---

<sup>3</sup> Lembremos que a autora viveu numa época muito sensível da história de Portugal: a formação da Primeira República Portuguesa. Sistema político que apesar de defender as atividades intelectuais, impunha limites em assuntos referentes à política. Dentro dessas atividades intelectuais que o regime republicano se articula estão engajadas mulheres escritoras, que defendem o novo sistema e o feminismo em Portugal. É o caso de Virgínia Victorino sempre atenta à sociedade à sua volta, participa, de forma pioneira, nas questões relativas ao feminismo e ao direito das mulheres portuguesas.

achando um abuso tal peça ser apresentada no Teatro Nacional. Desta forma, no dia seguinte à notícia, a Inspeção Geral dos Espectáculos se pronuncia a dizer que a peça voltou à cena, modificada nos pontos que mereceram “o nosso reparo”. Houve alguns protestos da classe artística e, em defesa de sua obra, Virgínia Victorino afirma que a peça não tinha nenhuma intenção política, mas só literária, afirmando ser a referência à administração colonial uma mera construção artística e esclarece: “Além disso, se diz na peça que o Alto Comissário obedece ao partido que para lá o mandou, e se o personagem principal censura o governo por só se preocupar com eleições – não está bem definido que a acção da peça se desenrola num tempo passado e indeterminado? O meu fíto foi, exclusivamente, fazer teatro” (1930e,?). O *Diário de Notícias* desta forma nos dá a conhecer que a peça foi alterada, felicitando a autora, acreditando que “só depois dessas modificações é que a peça se encontra no domínio artístico”.(1930e,?)

Depois de toda esta problemática estampada no *Diário de Notícias* com o lançamento de sua nova peça, *Manuela*, argumenta o mesmo jornal, elogiando a autora, que agora o texto não seria “uma peça de ideias mas sim uma comédia feita de retalhos da vida” (1934,?). Ou seja, à mulher era dado o devido direito de falar sobre as trivialidades da vida, não de ideias e de posicionamento político-ideológico.

Apesar de já ter sido chamada de “musa do soneto” por Júlio Dantas, Virgínia se consagra, em sua época, definitivamente como a musa da dramaturgia portuguesa: “A peça “Degredados” tem hoje a 11ª representação. Pode dizer-se que é também a 11ª enchente, pois que a marcação para esta noite é enorme. Virgínia Victorino, que tinha o seu nome na poesia portuguesa, fica agora ligada ao teatro pela sua obra.” (? , 1930, 31 de Março). Victorino deixa de ser aclamada como poetisa para chamar a atenção, até da imprensa estrangeira, como grande dramaturga portuguesa: “Virginia Victorino, est aussi un auteur dramatique dont toutes les pièces furent jouées au théâtre national de Lisbonne-la comédie française de là-bas. Elle n’a pas trente ans” ( Vogt, 1935,?).

O que nos chama atenção é que a maioria de suas peças<sup>4</sup> as personagens femininas se destacam, como, por exemplo, na obra *Degredados*, que se centra em torno da personagem Joanhinha, uma jovem de ideias feministas e modernas da alta sociedade lisboeta que, para salvar a família, (consumida por dividas feitas por um alto padrão de

<sup>4</sup> Virgínia Victorino publicou em vida as seguintes obras dramatúrgicas: *Degredados* em 1931; *A Volta* em 1932; *Fascinação* em 1933; *Manuela* em 1934; *Camaradas* em 1938; *Vendaval* em 1942.

vida e por causa dos exageros de seu irmão, João) casa-se com um homem mais velho e rico, Manuel, esquecendo o seu pretende boêmio, Fernando. Entretanto, seu irmão, João, depois de ter perdido toda a fortuna da família segue para a África à procura de não apenas de uma vida melhor mas também de remissão. É o que também acontece com Joaquinha: após o casamento da personagem principal, o espaço da trama, passa-se na África portuguesa. Fernando, agora rico, vai procurar Joaquinha que, no primeiro momento, aceita fugir com seu primeiro amor, mas a culpa em ter que deixar um homem sério e íntegro como seu marido, Manuel, que sempre a ajudou e a todos de sua família, faz com que ela desista de tal ideia. Acima de tudo a mulher portuguesa é dotada de um caráter superior de honestidade e bondade, isto se confirma com o reaparecimento do seu irmão, que todos pensavam que estava morto. João se redime da sua culpa: o castigo da guerra era não apenas para o seu corpo, mas também para o seu espírito, voltando como um herói. Ou seja, todos os estereótipos de gênero aceites pelo público burguês português estão presentes na trama: a mulher moderna e honesta, submissa ao marido<sup>5</sup>; o cidadão que se redime de suas faltas combatendo em nome do país; um homem do povo que consegue produzir riquezas. Ou seja, o gosto do público pelo teatro de Virgínia Victorino responde aos anseios estéticos da época, um teatro com novas características, diferente do dito teatro clássico português, que busca agora o olhar feminino em relação à sociedade portuguesa (lisboeta):

O teatro de Virgínia Victorino destinava-se principalmente a suscitar o grau de um público burguês, objectivo que foi, não só conseguido, mas largamente ultrapassado meteoricamente, o que não era fácil para uma filha do povo. Era preciso, a esse público, mais do que interessá-lo, fazê-lo render-se, arrebatá-lo, interpretando-lhe os sentimentos e os ideais. Era preciso, antes de mais, saber escolher os temas entre os que

<sup>5</sup> A escritora concede uma entrevista no ano de 1930, demonstrando uma defesa desse modelo de mulher “moderna e submissa”. Por exemplo, Victorino observa que, lamentavelmente, a mulher portuguesa não acompanha o movimento feminista. Reflete colocando em questão se os homens portugueses acompanham os diversos movimentos literários e filosóficos existentes, acreditando que não apenas a mentalidade feminina, mas a portuguesa, em geral, é passível de defeitos, e, apesar de requerer para as mulheres portuguesas uma liberdade que não esteja tolhida por velhos preconceitos, acredita (para dar uma resposta que não violasse às normas sociais vigentes) que deveria ser uma “liberdade equilibrada”. Virgínia Victorino não vê, necessariamente, a expansão da atividade feminina como um perigo para a instituição família, afirmando ser a inatividade, a frivolidade e a superficialidade femininas as atividades mais perigosas. Por isso, o homem precisaria de uma nova educação, para que antes de se lhe dar a compreensão do direito masculino, compreenda seus deveres: “A mulher tem um grande papel humano a desempenhar, e ao homem compete, não hostilizá-la, não sorrir desdenhosamente, mas ajudar, facilitar, compreender a sua missão (1930b,?).

empolgavam a sociedade da época, ou pelo menos a camada social que definitivamente interessava conquistar. Desde o início da sua carreira, a poetisa adopta a postura, as convicções e os ideais dessa classe a que ascendeu por mérito próprio pelo talento literário e pelo *savoir faire* com que conduziu as suas relações sociais, doseando a simpatia com a discrição e o idealismo sentimental com o exercício da ironia tornado-se definitivamente a dramaturga do regime. (LELO, 1993, p.66)

Já em *A Volta*, segunda peça encenada em 1931 (51 vezes) e publicada em 1932, retoma o mesmo tema nacionalista, resgatando a história de um imigrante português, Manuel de Campos, que se separa 25 anos da família. O seu regresso à casa e o encontro com sua família é um sinal que na família portuguesa de boa índole, tanto o espaço físico, como os membros de sua família, todos permanecem os mesmos à sua espera. Ou seja, a peça traz noções de carácter e reconstituição da família portuguesa. Sobretudo a mulher-esposa, Mariana, personifica a base e o pilar dessa reconstrução. A dramaturga constrói, mais uma vez, uma personagem moderna, mas submissa ao seu marido, pois só com a sua honra poderia mudar os defeitos do companheiro. Desta forma, os valores da nova burguesia portuguesa republicana, que procurava conciliar a modernidade com tradições nacionais (que, nesta obra, estão presentes de forma implicativa) agradam ao público e a nova política.

Entretanto, passados anos não há mais nenhuma edição das obras de Virgínia Victorino, quase não há estudiosos que se debrucem sobre sua obra<sup>6</sup>, tornando-a esquecida: revertida a qualidade literária de seus textos, invertida a superioridade de suas obras, aparenta que seus textos acabaram por ficar inadaptados aos novos padrões do público e da academia, demonstrando uma certa injustiça acadêmica a um dos grandes vultos do teatro português do começo do século XX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Destacamos que há apenas um texto crítico sério e aprofundado em Portugal sobre a obra da escritora portuguesa, dissertação de mestrado de Júlia Lelo, intitulada: *Virgínia Victorino e a Vocação do Teatro: o percurso de um sucesso*, dissertação de mestrado, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1993.

<sup>7</sup> Como já foi referido a escritora Virgínia Victorino organizou todo um material referente à sua obra, mas não tinha preocupação de recortar tais notícias destacando autor, algumas vezes o nome do período, outras vezes o título do artigo, por isso encontra-se na referência bibliográfica muitos artigos anónimos, sem o título do texto, ou página.

ANÔNIMO. “Debute literário”. In: *Notícias de Alcobaça*. N.º 893. Alcobaça, 2 de setembro, 1917.

ANÔNIMO. “D. Virgínia Victorino”. In: *A Canção de Portugal*. N.º 84. Lisboa, 20 de Janeiro de 1918.

ANÔNIMO. ?. In: *Semana Alcobacense*. N.º 1524. Alcobaça, 14 de Dezembro de 1919.

ANÔNIMO. ?. In: *Século da Noite*. N.º 2191, 9 de Dezembro de 1920.

ANÔNIMO. “Namorados”. In: *Diário de Notícias*. N.º 13. Lisboa, 11 de Janeiro, 1921.

ANÔNIMO. “Namorados”. In: *O Tempo*. N.º 401. Lisboa, 19 de Janeiro, 1921.

ANÔNIMO. ?. In: *Jornal do Recife*. N.º 44. Recife, 25 de Fevereiro de 1921.

ANÔNIMO. ?. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 22 de Março de 1930a.

ANÔNIMO. ?. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 23 de Março de 1930b.

ANÔNIMO. “Virgínia Victorino”. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 29 de Março de 1930c.

ANÔNIMO. ?. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 31 de Março de 1930d.

ANÔNIMO. “Virgínia Victorino”. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 2 de Abril de 1930e.

ANÔNIMO. “Espectáculo do dia”. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 21 de Abril de 1930f.

ANÔNIMO. ?. In: *Diário de Lisboa*. Lisboa, 15 de Maio de 1931.

ANÔNIMO. “Nota da quinzena”. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 22 de Maio de 1931.

ANÔNIMO. “Uma grande lição”. In: *A Voz*. Lisboa, 30 de Maio de 1931.

ANÔNIMO. “Teatro Português”. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 11 de Abril de 1934.

BARROS, Thereza Leitão de. *Escritoras de Portugal. Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa*. Vol. I. Lisboa: Tip. de António B. Antunes, 1924.

CARVALHO, Alfredo. “Apaixonadamente”. In: *Diário de Lisboa*. N.º 687. Lisboa, 3 de Julho de 1923.

CASTRO, Maria Fernanda de. “Namorados”. In: *Diário de Notícias*. Lisboa, 7 de Abril de 1921.

GALINDO, Beatriz. “Una gloria portuguesa”. In: *La Esfera*. N.º 556, 30 de Agosto de 1924.



D'ESAGUY, Augusto. "Poetisas Portuguesas". In: *La Gaceta Literária*. N.º4. Madrid, 15 de Fevereiro de 1927.

LELO, Júlia. *Virgínia Victorino e a Vocação do Teatro: o percurso de um sucesso*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1993.

LEBESGUE, Ph. ? . In: *Mercure de France*. N.º 606, 34º ano. Paris, 15 de setembro de 1923.

MACHADO, Dulce. Carta de leitor. In: *Jornal do Comercio de Pernambuco*. N.º 166. Recife, 19 de Junho de 1920.

SARMENTO, Mme de Moraes. "Une poétesse portugaise". In: *Paris Notícias*. Paris, 8 de Janeiro de 1922.

PEDREIRA, Felipe. "Mujeres portuguesas Virgínia Victorino". In: *La Revision*. N.º 2633, 22 de Junho de 1922.

VICTORINO, Virgínia. "A mulher portuguesa e o feminismo". In: ?, Lisboa, 16 de Março de 1930.

VOGT, Blanche. "Deux grandes femmes lettres portugaise". In: *Supplément du matin*, n.º 520. Paris, 23 de Julho de 1935.